OS GRANDES PIONEIROS

ALFRED KERR

Os Grandes Pioneiros

Tradução
de
OLIVEIRA E SILVA

1946
EDITÔRA ANCHIETA S/A
Rua Xavier de Toledo, 216
SÃO PAULO

O HEROI DA BOTÂNICA

Entre as ferteis planícies da Scania e os jardins de Ostrogotia, fica o Smolande, cujo nome quer dizer "pequena terra". A variedade de seus sítios e a graça das paisagens compensam a sua pequenez. Foi aí que nasceu Lineu, numa idílica cidadezinha, perto de uma floresta de pinheiros, às margens de um lago. Nasceu no presbitério de Stenbrohult, no mês de Maio, que os suecos chamam o "Mês das Flores".

O pai, adjunto de pastor e depois pastor, desejava consagrar o filho ao sacerdócio. Era um homem pobre e sem grandes recursos. Vivia modestamente com os ganhos que fazia por seus serviços religiosos. Os primeiros ensinamentos que o menino recebeu foram a religião e as fundamentais noções de latim. Terminado êste pequeno preparatório, o pai enviou-o a uma escola de Wexioe. Mas, o jovem não tinha nenhum gosto pelos estudos, e os professores se esforçavam em vão para ensiná-lo. Desde a infância, revelava outras predileções; suas verdadeiras faculdades e vocação se concentravam numa só direção: queria estar em Stenbrohult, pois, sua maior alegria era colher plantas para cultivá-las no pequeno jardim paterno. Na escola de Wexioe, o menino escutava distraido seus mestres. Nenhum dêles soubera captar sua confiança nem auscultar suas aspirações infantís. Naturalmente, não havia maior

prazer para Lineu que vêr-se livre de suas obrigações escolares. Quando sua tarefa quotidiana tinha terminado, podendo então desfrutar algum momento de liberdade, errava pelos campos, corria pelas margens do lago ou pela floresta, colhendo ou admirando flores e plantas. Os seus amigos viam nele um ser estranho, atacado pela mania da vagabundagem. Os professores atribuiam ao "torpor do espírito", a sua indiferença pelo estudo e seu desprezo pelas lições dos mestres. Não compreendiam o menino Lineu.

Várias advertências foram feitas; tentou-se inùtilmente chamar-lhe a atenção para reconduzí-lo a seus deveres escolares. O menino a tudo resistia. Resolveram chamar o pai e mostrar-lhe em que condições vivia o filho. O pastor de Stenbrohult ficou desolado com essa situação. O que mais o afligia era sua condição de pobreza. Não poderia deixar nenhuma herança para o filho e como êste se recusava estudar, o que seria de seu futuro? Para um homem de condição humilde como a sua, só havia duas soluções: fazer o filho subir na escala social através do clero ou da burocracia. Nem isto era possível, pois o filho se recusava a estudar. Tomou, então, uma resolução extrema: resolveu fazê-lo sapateiro. Tal era a humilde perspectiva para aquele que deveria conquistar o mais alto renome, pelas suas obras científicas.

Mas, a sorte resolveu intervir na vida do pequeno Lineu. Havia em Wexioe, um médico, o dr. J. Rothmann, homem de grande coração e de inteligência. Um dia procurou os pais de Lineu e disse-lhes:

— Por diversas vêzes tive ocasião de observar o vosso filho. Êle está sendo muito mal julgado. Não compreendem a sua paixão pela história natural; acusam-no de perder seu tempo, quando êle está grandemente ocupado. Para lhe dar uma carreira, deixai-o estudar medicina, que fica tão perto da história natural. Tenho plena confiança em

suas aptidões. Eu me encarregarei, gratuitamente, durante um ano, de tê-lo perto de mim.

A proposta causou alvoroço no coração do humilde pastor. E, para o menino, foi uma solução ideal. Entrou com a mais pura alegria para a casa do generoso médico. Aí encontrou o que procurava em vão: uma esplêndida biblioteca inteiramente a sua disposição.

Um dia, na biblioteca encontrou um livro de Tournefort que, como êle havia sido destinado à carreira eclesiástica, como êle apaixonado pela história natural e, por feliz coincidência, também protegido de um médico inteligente. Os livros do botânico redobraram o seu ardor, abrindo-lhe os horizontes encantados de um mundo apenas sonhado. Leu e releu Tournefort muitas vêzes. Copiou cuidadosamente as gravuras dos livros. De acôrdo com o método de Tournefort, examinou também as flores e os frutos, tentou coordená-los numa ordem sistemática. No fim do ano, pelo seu trabalho e por sua inteligência, havia justificado com larga margem as previsões do generoso protetor.

Mas, para estudar medicina seria necessário ir à Universidade. O reitor do Ginásio de Wexioe, que não lhe perdoava a indiferença pela literatura clássica, livrou-se dêle, com um certificado assim escrito: "Os estudantes podem ser comparados às árvores. Há algumas que, não obstante os cuidados da cultura, continuam selvagens. Quando são transportadas para outros lugares, algumas vêzes elas melhoram e dão bons frutos. E' ùnicamente com essa esperança que eu envio êste jovem à Universidade. Êle talvez encontre ali um ambiente favorável ao seu desenvolvimento."

E não há dúvida que encontrou o ambiente favorável.

Começou por ter sorte, logo de início. Chegando a Lund não precisou apresentar êste atestado. Um professor de medicina e botânica, o dr. Stobaeus, interessou-se imediatamente pelo jovem. Veio a inteirar-se de sua vida de pobreza. E resolveu dar-lhe uma ocupação: um emprego de copista, para ajudar suas despesas. Desgraçadamente Lineu possuia uma letra horrível, mas agradava ao mestre pelo trabalho e pela regularidade de conduta.

Um intrigante, invejoso de Lineu, correu ao mestre:

— Vosso secretário, que anda muito ocupado durante o dia, reserva outras horas da noite para o seu divertimento. Há luz no seu quarto, enquanto todo o mundo dorme. Isto é perigoso.

O dr. Stobaeus ficou inquieto. Dirigiu-se ao quarto do rapaz e abriu mansamente a porta. Ficou surpreso. Que teria visto? Um quadro de uma beleza sem par. Lineu, diante da mesa carregada de livros, lia e escrevia à luz da pequena lâmpada, continuando no silêncio da noite, a tarefa do dia.

— Bravo rapaz! — gritou o professor. — Tomae da biblioteca todos os livros que quiserdes. Cuidado apenas para não vos fatigar.

Graças à generosa hospitalidade, o estudante sem fortuna fez os estudos em condições agradáveis. Mas, seu desejo de adquirir maior sabedoria levou-o a abandonar a Universidade de Lund. Queria ir a Upsala, em cuja universidade se encontravam celebridades mundiais, como Eric Berzellius, Olaf Celsius, e Olaf Rudbeck, os três fundadores da Sociedade de Ciências, da velha cidade universitária.

De Scana a Upland, a viagem era longa. O pai lhe deu algum dinheiro, os amigos o auxiliaram como puderam.

Certa manhã ele estava no jardim botanico da universidade, ocupado nos seus continuos estudos. Celsius, o famoso homem de ciencia, aproximou-se dele, examinou-o bem, interrogou-o e ficou impressionado com suas respostas. Perguntou, depois, na universidade quem era o jovem mal-vestido e tão bem instruido. As informações que lhe deram deixaram-no comovido. Mandou chamar Lineu, e como Rothmann em Wexioe, Stobaeus em Lund, instalou-o em sua casa. Pela terceira vez, a bondade de uma alma sabia veio em sua auxilio. Desta vez, tendo o pão de cada dia garantido, conseguiu obter o contentamento do espírito; em consequencia, sua atividade tornou-se transbordante.

Com setenta anos de idade, Celsius empreendeu a descrição das plantas mencionadas na Bíblia e resolveu associar Lineu a esta obra consideravel. Algum tempo depois a "Sociedade de Ciencias" de Upsala, encarregou-o de explorar a Laponia, naquela epoca raramente visitada. Mau grado os perigos e o frio, Lineu atravessou a Laponia até as montanhas da Noruega e voltou pela Finlandia. De regresso, Lineu começou a fazer conferências públicas sôbre química, mineralogia e botânica, vendo crescer o número de ouvintes.

Lutou, primeiro, contra a pobreza e depois, no apogeu de sua carreira tinha de lutar contra a inveja. O dr. Kosen, seu rival, protestou perante o Conselho Universitario, que Lineu não tendo grau de doutor, não podia fazer conferencias nem lecionar. A lei era clara nesse sentido e Lineu deixou de fazer conferencias. Partiu para a Holanda e conquistou o diploma com uma tese.

Na Holanda, um rico negociante entregou-lhe seu jardim e encarregou-o de descrever as plantas exóticas. Ali publicou o seu famoso "Sistema da Natureza" — no qual

procura classificar todas as plantas do mundo, baseando-se nos orgãos sexuais, e a "Flora Laponica".

Quando resolveu partir, Boerhava que considerava Lineu um homem da mais alta categoria, apertou-lhe as mãos e disse, comovidamente:

— Minha carreira está terminada. Tudo o que eu podia fazer, já fiz. Que Deus vos guarde. Tendes uma missão maior a cumprir. O que o mundo esperava de mim, teve. Ele espera de vós, meu filho, muito mais. Adeus, adeus!...

Propostas tentadoras foram feitas a Lineu para que permanecesse na Holanda. Recusou-as polidamente. Recusou também a cadeira de botanica na Universidade de Goettingue. Voltou para a Suecia, saudoso do lar e atraido por uma linda jovem que ha muito o esperava.

Em Stokolmo teve de lutar novamente contra a adversidade. Mas venceu e viu suas obras invadirem o mundo e seu nome crescer tanto que podia ser colocado ao lado de Newton.

Morreu placidamente no ano de 1778. O Mundo curvou-se pesaroso sôbre sua tumba. Não era sòmente um grande homem de ciencia; era também um cidadão do mundo, que soube vencer a pobreza, a ignorância e a inveja.